



A GROUND
TEHEORY NA
ADMINISTRAÇÃO

CONSIDERAÇÕES SOBRE USOS E APLICAÇÕES DA GROUNDED THEORY EM ADMINISTRAÇÃO

CONSIDERATIONS ON GROUNDED THEORY USES AND APPLICATIONS IN BUSINESS

Ana Akemi Ikeda
Universidade de São Paulo

Eliane Maria Pires Giavina Bianchi
Universidade de São Paulo

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer algumas reflexões sobre usos e aplicações da *grounded theory* (GT) na área de Administração. Sendo uma ferramenta de pesquisa sob o paradigma principalmente qualitativo, desde o início, em 1967, suscitou vários debates no fórum acadêmico. Seus autores originais desenvolveram, em suas trajetórias, pensamentos distintos a respeito do processo de coleta e análise de dados, da postura do pesquisador e da forma de obtenção do resultado da pesquisa: teoria fundamentada em dados empíricos. Em função disso, é feita uma pesquisa bibliográfica da história de sua evolução, a clarificação do processo do trabalho e uma análise dos seus fundamentos na área de Administração. A intenção do artigo é contribuir com pesquisadores, trazendo informações relevantes que suportem os processos de escolha e de execução dessa técnica de pesquisa. A conclusão é que a GT é complexa, rica e poderosa, sendo bastante aplicável na administração, no contexto social.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa qualitativa. Administração. Metodologia. Teoria fundamentada.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make some reflections on uses and applications of grounded theory (GT) in Business. As a research tool, especially in the qualitative paradigm, since its inception in 1967, prompted numerous debates in the academic forum. Original authors have developed in their careers, different thoughts about the process of collecting and analyzing data, the stance of the researcher and how to obtain the result of research: theory based on empirical data. As a result, there is a bibliography of the history of its evolution, the clarification of the work process and a review of its foundations in the area of Administration. The intention of the article is to contribute to researchers, bringing relevant information to support the processes of choice and implementation of this research technique. The conclusion is that the GT is complex, rich and powerful, and very applicable in the administration, the social context.

KEYWORDS

Qualitative research. Administration. Methodology. Grounded theory.

INTRODUÇÃO

A utilização da pesquisa qualitativa vem aumentando nos últimos anos nas Ciências Sociais e, em especial, na área de Administração. A *Grounded Theory (GT)* foi iniciada por Barney Glaser e Anselm Strauss, em 1967, sendo apontada por muitos pesquisadores como uma das formas mais puras de pesquisa qualitativa. Evoluiu por aproximadamente 30 anos, enquanto esses autores trabalharam juntos ou em outras parcerias para seu desenvolvimento e aprimoramento. Somente a partir dos anos 90 ela começou a ser utilizada em Administração. A bibliografia desenvolvida neste trabalho é, sobretudo, internacional, com diversos autores que se dedicaram e investiram tempo de suas carreiras de pesquisa ao estudo da GT. São exemplos: Christina Goulding e Kathy Charmaz. No Brasil, poucos trabalhos de pesquisa ou mes-

mo artigos sobre o método vêm sendo desenvolvidos na área de Administração, podendo-se citar entre eles o de Bacellar (2005) e Ichikawa e Santos (2001). O seu uso é mais freqüente nas áreas de sociologia, psicologia e enfermagem.

Os objetivos deste artigo são analisar a GT no paradigma qualitativo de pesquisa: Glaser (2008), recentemente, introduziu o uso quantitativo da técnica; e discutir a evolução da teoria, o processo de trabalho, as vantagens ou não de sua utilização, o papel do pesquisador, o desenvolvimento de trabalhos utilizando-a em Administração e suas perspectivas de futuro.

O QUE É A GROUNDED THEORY (GT)?

Segundo o Grounded Theory Institute (2008) todas as pesquisas são fundamentadas (*grounded*)

em dados, mas poucos estudos produzem uma “teoria fundamentada”. A GT é uma metodologia indutiva. É a geração sistemática de teoria a partir de pesquisa sistemática. É um conjunto de procedimentos de pesquisa rigoroso que leva à emergência de categorias conceituais. Esses conceitos/categorias são relacionados como explicação teórica da(s) ação(ões) que continuamente resolve(m) a principal preocupação dos participantes na área substantiva. A GT pode ser usada tanto com dados qualitativos quanto quantitativos.

Como a GT usada com dados quantitativos ainda é recente e, portanto, ainda pouco desenvolvida e discutida, neste trabalho a discussão focará a GT de cunho qualitativo. Glaser e Strauss (1967, p. 32-33) entendiam existir dois tipos básicos de teorias: as formais e as substantivas. O primeiro tipo é composto do que os autores chamam as “grandes” teorias, conceituais e abrangentes, enquanto que o segundo tipo se refere a explicações para situações cotidianas sendo, portanto, mais simples e acessíveis. Para Glaser e Strauss (1967), o tipo de teoria a ser desenvolvido pela GT se enquadra no segundo tipo, das teorias substantivas, ou a que foi desenvolvida por uma área de investigação empírica. Segundo Hutchinson (1988, p. 124), Glaser e Strauss acreditavam que a GT poderia ser usada para gerar teorias substantivas que, ao contrário das grandes teorias formais, explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica, já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real. O termo GT é traduzido para o português como teoria fundamentada, teoria fundamentada em dados ou teoria embasada. Para Goulding (2002, p. 43), a GT é um método qualitativo, tendo, portanto, muitas

semelhanças com os demais métodos qualitativos, tais como a etnografia (estudo descritivo e interpretativo da realidade do grupo) e a fenomenologia, ou seja, quando há uma forte ênfase na subjetividade da realidade construída pelos respondentes (HANNABUSS, 1996). Embora sua finalidade seja a construção de teorias, sua utilização não precisa necessariamente ficar restrita aos pesquisadores que têm esse objetivo de pesquisa. Para Strauss e Corbin (2000, p. 288), “o pesquisador pode usar alguns, mas não todos os procedimentos para satisfazer seus objetivos de pesquisa”. A GT sofre forte influência do interacionismo simbólico, uma perspectiva metodológica frequentemente discutida na literatura de sociologia e de psicologia social, que compreende: observar e entender o comportamento a partir do ponto de vista dos participantes e aprender sobre o mundo dos participantes, suas interpretações de si mesmos no contexto de determinadas interações e sobre as propriedades dinâmicas das interações (LOCKE, 2001, p. 25). Para Denzin (2001, p. 119), interpretar é “a tentativa de explicar os significados”. O Quadro 1 compara alguns pontos entre GT, fenomenologia, etnografia e o interacionismo simbólico, já que possuem bastantes similaridades e diferenças sutis. Eles têm em comum, por exemplo, a investigação qualitativa, interpretativa e subjetiva da vida dos indivíduos e seus comportamentos; a observação e o uso de dados não estruturados. Vale ressaltar que os campos de todos eles são vastos e difusos, sendo difícil defini-los de forma única e objetiva. Portanto, minimizá-los em apenas uma lista de suas principais características é violentar as complexidades da pesquisa e de seu desenvolvimento histórico (ATKINSON *et al.*, 2001).

QUADRO 1

Comparações entre *grounded theory*, fenomenologia, etnografia e interacionismo simbólico

	Grounded Theory	Fenomenologia	Etnografia	Interacionismo simbólico
Origens/ Definição	Método de pesquisa qualitativa que usa um conjunto sistemático de procedimentos para desenvolver e derivar de forma indutiva uma teoria fundamentada sobre um fenômeno. (STRAUSS; CORBIN 1999, p. 24).	Conceituada como uma filosofia – esquema para descrição e classificação de experiências subjetivas do mundo vivido - ou uma metodologia, incorpora detalhes da experiência frequentemente no nível de vida cotidiano e mundano (GOULDING, 2005). Procedimento descritivo para examinar a experiência consciente (NATASAN, 1973, apud GOULDING, 2005).	Forma de investigação naturalística que tem um interesse específico na cultura (SARANTAKOS, 1993, apud PETTIGREW, 2000, p. 256)./Ato de observação direta do comportamento de um grupo social e produção de uma descrição advinda dessa observação (MARSHALL, 1998)./Ilustração de uma vida social ou cultural, mundo ou experiência (AGAFONOFF, 2006, p. 117).	Perspectiva teórica e metodológica que salienta os significados simbólicos e como os símbolos relacionam-se com a interação social (SCLENKER, 1980, apud MENDONÇA, 2001).
Objetivos	Desenvolver conceitos, teorias fundamentadas a partir das palavras e ações dos indivíduos em estudo onde pouco é conhecido.	Aumentar e aprofundar conhecimentos oriundos das experiências. Para desenvolvimento e entendimento de questões complexas que podem não estar implícitos nas respostas superficiais.	Identificar padrões e idéias que auxiliem a explicar a existência de padrões, considerando interpretações emic (perspectiva do nativo/pesquisado) eetic (do pesquisador)/ Tentativas de entender como as pessoas desenvolvem suas próprias definições de uma situação/ Observa os procedimentos do grupo empregados para criar, sustentar e administrar sua estrutura social, sua interação e sua visão de realidade.	Entender a vida humana em grupo e como as pessoas agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles. O significado dos objetos é derivado de, ou origina-se da interação social. Os significados são manejados e modificados através de um processo interpretativo das pessoas ao lidarem com os objetos.
Fontes/ Coleta	Informantes que tem mais condições de oferecer informações iniciais. Coleta de dados que podem combinar diversos métodos: levantamentos, experimentos, estudos de caso. Múltiplas fontes de dados: primárias e secundárias.	Participantes com seus pontos de vista (tomados como fatos). Participantes são selecionados somente se viverem a experiência em estudo. Linguagem e palavras são o veículo principal para transmissão de significados.	Participação prolongada do pesquisador em campo com os participantes em seu ambiente natural. O pesquisador faz parte do mundo em estudo e é afetado por ele. Fontes múltiplas de coleta de dados variando de levantamentos a observações, fitas de vídeo, fotografias e gravações de discursos.	Observação das interações humanas é sua fonte de dados básica. O investigador deve adotar a perspectiva e ver o mundo a partir do sujeito estudado.
Análise	Natureza flexível e aberta por meio de comparação constante/ Coleta de dados e análise são feitas simultaneamente/ Incorpora o entendimento e tentativas do pesquisador em desenvolver estruturas teóricas explanatórias representando estruturas e processos observados.	Descrição e classificação de experiências subjetivas do cotidiano sem considerar a origem psicológica. Reflexão na experiência consciente, em vez de motivações inconscientes.	Descrição densa (thick description) e interpretativa.	Procura-se relacionar símbolos e interação./Interpretação de ações vai além das descrições ricas e desenvolvimento de teoria que incorpora conceitos sobre as pessoas, linguagem, local social e objeto social.

Fonte: Baseado em Natanan (1973), apud Goulding (2005); Sarantakos (1993); Parker, Lee D.; Roffey (1997); Marshall (1998); Strauss; Corbin (1999); Goulding (1999); Agafonoff (2006), apud Pettigrew (2000); Sclenker (1980), apud Mendonça (2001).

Para contextualizar e desenvolver a definição de GT faz-se necessário discutir o paradigma qualitativo de pesquisa. O paradigma qualitativo surge porque alguns cientistas sociais questionaram o paradigma quantitativo. Creswell (1994) o especifica como paradigma de uma realização científica reconhecida, que fornece o problema e solução-modelo para uma comunidade de profissionais. Baseando-se nisso, um pesquisador reflete suas crenças e forma de ver o mundo de acordo com a forma que projeta sua pesquisa, coleta e analisa informações e até, de como redige seu trabalho. Já paradigma quantitativo vem das ciências naturais, em que se estudam objetos e se chega a conclusões universais e experimentos repetíveis. Esse processo tem também um caráter dualista, no qual existe uma pessoa observadora e um objeto de estudo (FERNANDES; MAIA, 2001).

Com o interesse nas ciências sociais a partir do século XIX, começaram a aparecer métodos de estudo com o pressuposto qualitativo (COLLIS; HUSSEY, 2005), apesar de a metodologia quantitativa ainda continuar a ser bastante utilizada, talvez por maior conhecimento das técnicas por parte do pesquisador, ou pela universalidade de resultados proposta pelo uso das mesmas. Ademais, os métodos qualitativos sempre foram muito questionados, em vários aspectos, especialmente o contraponto ao citado anteriormente: processo de trabalho, não universalidade dos resultados e subjetividade de análise, tanto do ponto de vista do envolvimento do pesquisador, quanto ao caráter qualitativo dos resultados. Independente das críticas ao processo qualitativo, Glaser e Strauss procuravam uma forma de aumentar a validade das análises em seus estudos, isto é, diminuir a falta de correspondência à realidade em seus trabalhos sociológicos. Os dois estavam trabalhando na Universidade da Califórnia, em São Francisco, estudando a morte de doentes terminais em contexto hospitalar quando escreveram, em 1967, *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qua-*

litative research (CHARMAZ, 2006). Alguns pressupostos são assumidos por esses autores no desenvolvimento e proposição da GT. O primeiro deles é que as relações pesquisador, realidade e teoria são contínuas e intrínsecas, isto é, o pesquisador interage com a realidade e formata a teoria de forma contínua ao longo do tempo e processo (FERNANDES; MAIA, 2001). O segundo é que a teoria evolui durante o processo de pesquisa e é o resultado de contínua interpolação de dados e análise (GOULDING, 1998). Com o exposto, pode-se acrescentar que é um processo indutivo utilizado para gerar teoria pela coleta e análise de dados de forma sistemática e simultânea. Por requerer um contínuo questionamento, os autores foram bastante específicos sobre os critérios a que a teoria final desenvolvida deveria obedecer: viabilizar a predição e a explicação do comportamento, ser útil para o avanço teórico na área da sociologia, ser aplicável na prática, manter uma perspectiva em comportamento, guiar e suportar um estilo de pesquisa para algumas áreas do comportamento. Além disso, a teoria deveria conter categorias e hipóteses bem claramente desenvolvidas que poderiam ser verificadas em estudos futuros (GLASER; STRAUSS, 1967). No exercício da GT, como em outras formas de pesquisa qualitativa (a etnologia e a fenomenologia, por exemplo), pode-se utilizar qualquer tipo de informação, vinda de qualquer fonte (entrevistas, observação, materiais escritos e relações envolvendo todas essas fontes). Recomenda-se a utilização da GT em situações em que se conhece pouco e não se têm referências sobre aquele assunto. Embora o objetivo seja o desenvolvimento da teoria, não se pode dizer que seja um processo onde não se considera a teoria, pois um pesquisador traz consigo conhecimento de teorias e outros trabalhos empíricos e, durante o processo de trabalho, pode-se recorrer a fundamentos teóricos para auxiliar o tratamento dos dados.

Como a descrição apresentada possa parecer árida e pouco operacional, faz-se necessário expli-

car a evolução e o processo de pesquisa, que serão objetos de discussão dos próximos itens.

A EVOLUÇÃO DA GT

Após o trabalho inicial, os autores continuaram a trabalhar no método - inclusive com outros parceiros - ao longo de aproximadamente 30 anos, até a morte de Strauss, em 1996. Eles evoluíram a teoria com visões bem distintas. Hoje, pode-se utilizar qualquer das vertentes, ou mesmo uma junção destas. Talvez este tenha sido o grande "calcanhar de alquiles" para que a GT tenha sido pouco desenvolvida em termos de aplicação prática com usos e resultados no campo da Administração.

Pode-se dizer que a GT já nasceu com questões críticas e polêmicas. A primeira delas foi o próprio nome: que representava um desafio à abordagem tradicional - quantitativa - já que fugia ao processo de suporte teórico impondo regras as coletas de dados e sua análise posterior (ICHIKAWA; SANTOS, 2001). No livro *The Discovery of Grounded Theory*, os autores foram cuidadosos nos pressupostos e critérios, mas investiram pouco na descrição de procedimentos de trabalho. Ao longo da vida, ao buscar detalhar um processo de operacionalização de pesquisa, esses pesquisadores desenvolveram dois métodos distintos que, em consequência, criaram confusões e polêmicas. Isso possivelmente se deva às diferenças conceituais fundamentais entre os autores que, em um momento no tempo, trabalhando juntos, conseguiram se compor; mas, ao longo do tempo, e com vários novos trabalhos, ressaltaram cada vez mais as diferenças.

Para explicar as diferenças conceituais, faz-se necessário traçar o perfil de cada autor. Glaser é formado em Colúmbia, "em filosofia analítica e pesquisa quantitativa, mas estudou com Paul Lazarsfeld em métodos inovadores e qualitativos. Tem uma posição radical de que o pesquisador deve ir ao campo sem uma teoria pré-determina-

da, para não enviesar sua interpretação" (STRUEBING, 2000, *apud* ICHIKAWA; SANTOS, 2001). Já Strauss, estudou em Chicago "com Herbert Blumer e Everett C. Hugles e trabalhava no campo de forma pragmática. O seu pressuposto era de que o conhecimento prévio é um meio indispensável para que os dados empíricos tenham sentido" (STRUEBING, 2000, *apud* ICHIKAWA; SANTOS, 2001). Essas diferenças básicas, no início não apareceram. O trabalho do primeiro livro foi bem elaborado e completo e até apresentava, entre os princípios, condições explícitas que se apoiavam sobre uma ou outra das posturas mencionadas anteriormente, mas sem contradições. Por exemplo, sobre o pesquisador, eles afirmavam que se o mesmo se comprometia como uma teoria específica pré-concebida pode-se não conseguir olhar além desta teoria (GLASER; STRAUSS, 1967).

Ao longo de suas carreiras, os autores desenvolveram trabalhos em áreas diversas e voltaram a discutir e estudar a GT. Em 1990, Strauss, junto com Juliet Corbin, escreveu *Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and techniques*. Pelo título já se pode entender a intenção desses autores. O objetivo foi sistematizar o método de campo e análise dos dados. Nesse livro, além de voltar às origens de Strauss, isto é, reforçar que o conhecimento prévio aplicado ou uma base de literatura pode ser utilizado e é recomendável ao método, a nova dupla elaborou um processo sistemático de codificação que guiaria o desenvolvimento da pesquisa realizada sob o método *grounded*. Glaser reagiu ao livro escrevendo, em 1992, *Basics of grounded theory analysis*, que completa seu exemplar anterior, de 1978, *Theoretical Sensitivity*. No primeiro livro, ele escreve sobre a evolução da elaboração do problema de pesquisa, que pode acontecer ao longo da pesquisa e se posiciona com relação à *grounded* como um método bastante livre, baseado em experiências anteriores, habilidade de campo e analítica do pesquisador e na busca da descoberta da teoria. No segundo, questiona o processo de co-

dificação proposto por Strauss e Corbin, argumentando que o método qualitativo proposto tinha por objetivo quantificar descobertas. O debate entre eles continuou até a morte de Strauss, em 1996. Porém, muitos autores discutem esse debate em vários artigos e livros sobre a GT, sobretudo sobre

o perfil de cada autor, as controvérsias, as diferenças de postura e evolução do método. O dilema central e principal nesse debate é se a teoria compete à análise de dados ou emerge desta análise. O Quadro 2 mostra a visão, de Parker e Roffey (1997), das diferenças entre os autores do método.

QUADRO 2

Uma comparação da metodologia *grounded theory* segundo orientação de Strauss e Corbin versus Glaser.

Glaser	Strauss e Corbin
<p>1. Duas questões essenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual são as principais pessoas do problema/preocupação na área em estudo? • Em qual categoria a preocupação se encaixa? <p>O problema de pesquisa é inteiramente dependente da pesquisa e das percepções dos atores depois que o pesquisador iniciou a pesquisa.</p>	<p>1. A questão de pesquisa é uma afirmação que identifica o fenômeno a ser estudado. O pesquisador pré determina o assunto geral de investigação antes de iniciar a pesquisa.</p>
<p>2. Método analítico mais geral na estrutura de referência.</p>	<p>2. Etapas de análise mais estruturadas.</p>
<p>3. O problema emerge e não deve ser "forçada" pela metodologia. Categorias e suas propriedades "emergem" pela comparação constante de incidentes, percepções, relacionamentos e questões. O objetivo é o de identificar inconsistências, contradições, lacunas nos dados emergindo o consenso nos aspectos chaves e relacionamentos.</p>	<p>3. Pesquisadores necessitam de ajuda no processo de interpretação: é preciso explicar os procedimentos e técnicas. Subcategorias são ligadas a categorias que denotam um conjunto de relacionamentos, isto é, condições causais, estratégias de ação/interação, e conseqüências.</p>
<p>4. Pode ser difícil de operacionalizar.</p>	<p>4. Mais fácil de operacionalizar</p>
<p>5. Gera conceitos e seus relacionamentos para explicar e/ou interpretar variações no comportamento na área substantiva em estudo.</p>	<p>5. Gera uma teoria derivada indutivamente sobre um fenômeno incluindo conceitos inter-relacionados.</p>
<p>6. Produz uma formulação teórica ou conjunto de hipóteses conceituais. Teste é deixado para outros pesquisadores interessados no trabalho.</p>	<p>6. Encarrega-se de verificação e teste constante para determinar provável validade de conceitos e relacionamentos entre eles.</p>

Fonte: Adaptado de Parker, Roffey (1997, p. 221).

Em resumo, as maiores diferenças recaem em: (i) abordagem de geração do problema de pesquisa em foco; (ii) grau de formalidade na estrutura dos dados de codificação; (iii) o grau de formalidade da geração de uma estrutura teórica.

Trazendo a questão para a aplicação nas ciências sociais, o administrador pesquisador passa a ter um dilema com o método. Primeiro, para entendê-lo, deve ler várias publicações, em alguns casos começando pelo primeiro livro, a base de 1967, que é um livro aplicado à sociologia e não à administração. Locke ressalta que o método foi inicialmente desenvolvido como respostas à falta de teorias geradas na sociologia (LOCKE, 1996). Depois, deve-se fazer a evolução dos processos e optar ou comungar as práticas explicitando suas escolhas. Não é à toa que o método ainda não é utilizado em plenitude. Além disso, talvez haja uma predileção pelo desenvolvimento de Strauss e Corbin, mais associável ao paradigma quantitativo, em função do papel representado pelas técnicas quantitativas na pesquisa e pela maior facilidade de se justificar procedimentos de trabalho.

O PROCESSO DE PESQUISA DA GT

Em função de este artigo ser direcionado para a área de Administração dentro das Ciências Sociais, é necessário fazer uma opção sobre qual vertente de desenvolvimento dos autores um pesquisador deve utilizar, e, nesse caso, enfocá-lo como suporte para a análise do método. Glaser propõe um método que traz mais riscos e é menos focado, enquanto Strauss pode ser visto como mais mecanicista e com menos flexibilidade. Como os adjetivos mencionados são utilizados de forma extrema por outros autores, opta-se aqui por desenvolver e posicionar o método formulado por Strauss, com algumas menções ao posicionamento de Glaser. Essa licença de uso do método é baseada nas análises dos debates existentes na literatura e por ser, também, um processo realizado por outros pesquisadores. A explicação do méto-

do de pesquisa é necessária já que, em várias bibliografias, a descrição e explicação do processo de trabalho são mantidas em segundo plano. Sem o conhecimento do processo de trabalho e potenciais resultados, fica difícil fazer a escolha da utilização da GT.

Definindo-se a questão da pesquisa

A questão de pesquisa é um fenômeno, definido para o estudo. Dentro da definição de fenômeno revista anteriormente, no paradigma qualitativo, para a utilização da *grounded*, está mais relacionada a um comportamento do que a uma ação humana.

Para a definição da questão de pesquisa, devem-se formular questões abertas que induzam à análise do comportamento com toda a profundidade que se faz necessário no uso deste método. A questão também deve induzir à flexibilidade de opções de busca e análise de dados, já que a proposta do método é desenvolver teoria. Glaser posiciona fortemente que o problema pode evoluir ou até mesmo se configurar ao longo do processo de pesquisa, isto é, novas questões vão aparecendo (GOULDING, 2001). Como o processo é indutivo, embora pareça desafiador e arriscado entrar num processo de pesquisa dessa forma, não é de todo desfocado; cabe ao pesquisador saber conduzir o processo e entender o encaminhamento do problema de pesquisa.

Uma questão aparece se um pesquisador resolver utilizar a GT como método de pesquisa para tratar um problema numa área da ciência social que já tem bibliografia extensa, sólida e com base empírica. Goulding (2001) justifica que se pode ir em frente com a utilização do método, porém, deve-se posicionar a pesquisa no tempo, de forma que o contato recente com a literatura, não influencie e traga viés ao pesquisador.

Definindo-se os elementos de estudo

A definição dos elementos de estudo é tratada no método *grounded* como *Theoretical Sam-*

pling. Este termo traduzido para o português pode trazer uma série de questionamentos: como uma amostra pode ser teórica? Entretanto, não se trata de uma amostra em seu sentido estatístico: um subgrupo de uma população que representa o principal interesse de estudo e se apresenta de modo representativo para viabilizar posterior condução de análises estatísticas (COLLIS; HUSSEY, 2005); nem de uma teoria – conjunto de conceitos, definições e proposições inter-relacionados e antecipados para explicar e prever fenômenos (COOPER; SCHINDLER, 2003), suportando uma amostra. Buscar a teoria é o objetivo do método. O *theoretical sampling* são indivíduos, situações, eventos idealizados para o processo de análise. Intencionalmente forma-se um grupo alvo para o estudo e, ao longo dos trabalhos, o grupo se torna 'teórico' à medida que suporta a criação de hipóteses e desenvolve teorias. Esse grupo pode ir se ajustando intencionalmente ao longo do processo, isto é, novos grupos podem ser definidos e incorporados ao processo. Assim, pode-se questionar duas coisas: representatividade desses elementos de estudo ou ética referente à escolha do grupo de estudo. Estes dois temas são alinhados e interligados. O grupo de elementos de estudo, embora sem necessidade de simbolizar um grupo representativo estatístico (requisito não necessário no paradigma qualitativo de pesquisa), deve conter a variação e representar as tipicidades necessárias para a pesquisa. Por outro lado, já que o grupo é escolhido propositadamente e transformado/completado intencionalmente pelo pesquisador ao longo dos trabalhos, o pesquisador precisa mostrar o comportamento ético com relação ao seu compromisso com conteúdo e resultado de seu trabalho. Uma tendência, uma escolha premeditada pode colocar viés no resultado esperado. No caso da GT não se tem compromissos, e sim uma expectativa com busca de uma teoria fundamentada em achados empíricos. Uma premeditação de escolha de elementos pode ser analisada como um comportamento amoral para

com a ciência social (NICHOLSON, 1994). Pode parecer muito forte a introdução desta questão ética na fase do detalhamento do processo de trabalho deste método de pesquisa. Mas ela se faz necessária dada a crescente preocupação com a questão ética nas ciências sociais e no mundo, e também serve como uma introdução e pano de fundo para o processo a ser detalhado a seguir.

Dada a questão de pesquisa e a definição dos elementos de estudo, parte-se para a coleta e análise de dados, processo este bastante vinculado ao comportamento, propósito, intenção e preparo do pesquisador.

O trabalho – baseado em comparações contínuas e sucessivas

A forma de coleta de dados sugerida pela GT é um apanhado de várias outras técnicas qualitativas: entrevistas, análise de discursos, estudo de casos, análise de memorandos e outros documentos já escritos. Glaser (1978) coloca que o material de suporte já redigido é muito útil, já que o processo de comparações se baseia na real escolha e explicitação das palavras por parte dos envolvidos como elementos de estudo e com o material já escrito é minimizado o viés por parte do pesquisador. Os dados coletados são desmembrados, analisados e comparados, sucessivamente. A comparação de diferenças e similaridades entre incidentes observados nos dados coletados é que promovem a diretriz para a busca de novos dados. Uma boa forma de entender a sistemática do processo de comparação sucessiva e obtenção da teoria está no procedimento proposto por Strauss e Corbin (1990).

Codificação Aberta

A codificação aberta é a primeira fase do processo de análise de dados. Vale a pena lembrar que a análise pode levar o pesquisador a realizar novas coletas, se necessário. Todo o material coletado é transcrito, as frases analisadas, sendo selecionadas palavras-chave. Nessa fase, centenas

de palavras-chave são selecionadas. As palavras-chave gerarão conceitos (progressão de uma descrição para explicar o relacionamento entre os incidentes (GOULDING, 2001)). Os conceitos são abstraídos pelo observador através da análise das palavras-chave. Em alguns casos, podem ser as próprias palavras. Para um pesquisador realizar esse processo, precisa fazer perguntas estratégicas ao conteúdo selecionado, como: Que estratégia resulta daquele comportamento? Há condições diferentes de incidência? Como aconteceu o comportamento? Aos conceitos sugeridos são designadas propriedades, sempre em um processo de pensamento indutivo.

Percebe-se que o processo é bastante trabalhoso e, mais que isso, depende da experiência e intenção do pesquisador. Mesmo utilizando-se de um *software* como suporte, a interface e foco de análise são direcionados pelo pesquisador.

Codificação Axial:

A codificação axial é a fase seguinte do processo. Ela se faz necessária em função do grande volume de conceitos originados na fase anterior. Trata-se agora de analisar os conceitos selecionados, fazer uma reorganização e, destes, extrair uma ideia central e suas subordinações. Não se trata de condições estratégicas ou consequências. O processo de trabalho segue sendo o de fazer perguntas para suportar o processo de análise. Nesta fase, pode-se voltar ao campo, aumentar os elementos de análise e acessá-los, ou mesmo voltar ao conjunto de elementos inicial e fazer uma nova busca por dados. Esta fase é um processo dedutivo e indutivo, isto é, deduz-se a codificação e se abre novamente a busca para validá-la ou não. Para simplificar o entendimento, faz sentido reportar ao processo esquemático da Figura 1, apre-

sentada a seguir. Strauss e Corbin (1990) argumentam que, nesta fase, o processo de desenvolver a análise, através das percepções de diferenças, acrescenta densidade e variação à análise.

Codificação Seletiva:

Esta fase do processo, em inglês, tem o nome de *core categorization*. É a fase mais abstrata. Nesta fase, o processo chega ao seu final, quando ocorre a saturação teórica, isto é, nenhum novo dado acrescenta novas nuances ao processo de análise e categorização. É validada e assume-se um compromisso com a categoria central definida. A categoria central é a que recorre mais desde a primeira fase de codificação e é a que mais tempo leva para ser saturada (GLASER, 1978). A categoria central estabelece o paradigma da teoria. Os dois autores do desenvolvimento inicial da *grounded* também discordam com relação à forma de elaboração da teoria. Em sua primeira formatação, Glaser e Strauss (1967) colocam que não há um único formato para se escrever a teoria. Já Strauss e Corbin (1990) propõem um formato de narrativa da seguinte forma: (A) condições levam ao (B) fenômeno, que surge num (C) contexto que leva a (D) ações e depois a (E) consequências.

Pode-se concluir, da descrição e explicação anterior sobre o processo de trabalho utilizado pela GT, que se trata de um método bastante complexo. Esta complexidade é percebida mesmo com a sistematização proposta por Strauss e Corbin (1990). Se a proposta não tivesse sido realizada, eventualmente, cada pesquisador além de definir e estudar um problema de pesquisa, ao utilizar o método *grounded*, para justificar seus resultados obtidos, teria que investir um esforço grande na explicação e validação do método de trabalho utilizado.

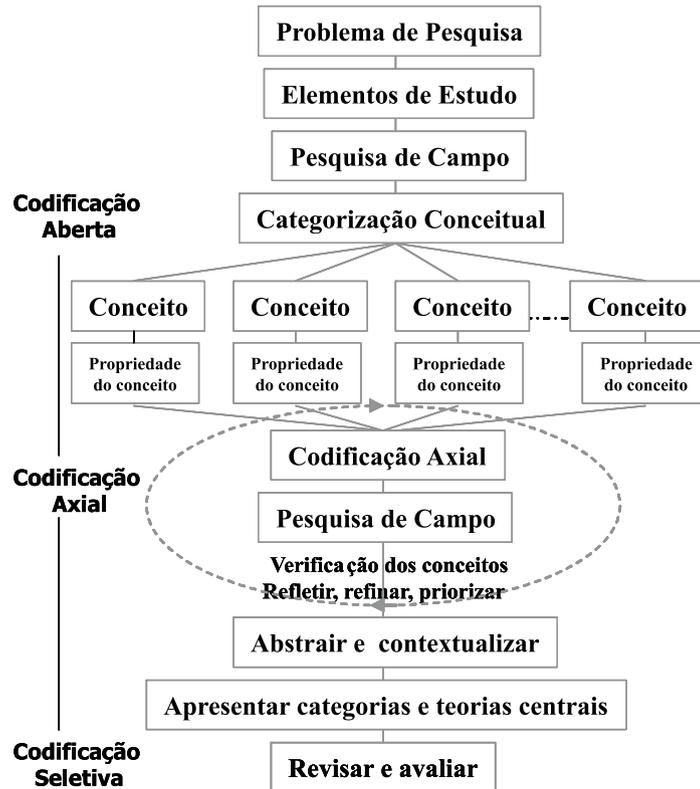


FIGURA 1 – Construção de teoria por meio do processo de pesquisa

Fonte: GOULDING, 2002, p. 115.

Tratando este artigo da aplicação e utilização da GT na Administração, após a análise da evolução e a própria descrição e explicação do processo de trabalho, cabem algumas reflexões.

A primeira delas é sobre a utilização do método no contexto organizacional. Em função de se tratar de um processo dedutivo, indutivo e longo, o método, embora possa levar à obtenção de resultados densos e ricos, pode causar muita ansiedade e instabilidade. Os elementos de estudo serão colaboradores de um contexto que podem não compreender a dinâmica do processo de trabalho e se sentir ansiosos por contínuos acessos, ou mesmo não entender esse processo. Pode-se imaginar uma perseguição obsessiva de determinado dado, questionando-se a ética da pesquisa.

Outra reflexão é sobre o desenvolvimento da teoria. Por um lado, como a teoria emerge da coleta e análise dos dados, pode acontecer de o processo acabar em nada, isto é, a teoria não emergir e a melhor decisão passa a ser abandonar o processo de trabalho. Em um contexto acadêmico, com elementos de estudo bem alinhados e esclarecidos com relação ao processo de trabalho, o foco é o pesquisador. Por um lado, ao parar o processo pode-se questionar o seu conhecimento do método e a sua competência de pesquisa. Por outro lado, forçar a emergência da teoria pode trazer um questionamento de postura ética desse pesquisador. A segunda reflexão sobre o desenvolvimento da teoria realizada no contexto organizacional tem perspectivas similares. Um movimen-

to de parar o processo de pesquisa pode afetar os sentimentos dos colaboradores com relação à credibilidade organizacional, em última instância.

A terceira reflexão é sobre a dimensão tempo. Ao se decidir pela utilização do método *grounded*, sabe-se que se terá um trabalho longo, mas não se sabe ao certo quando se acabará o processo. Forçar um final pode invalidar o processo todo, já que eventualmente a saturação teórica pode não ser obtida. A dimensão tempo traz a reboque a questão recurso, seja humano ou financeiro. É importante entender em qual contexto está se utilizando a GT para que a questão tempo não seja um fator de restrição.

A quarta reflexão é sobre a aplicabilidade da teoria. Embora esse termo se restrinja ao fenômeno estudado, no mundo acadêmico, onde há maior compreensão de metodologias de pesquisa, pode-se mais facilmente entender o processo de trabalho e validar os achados. No contexto organizacional, o resultado será teoria específica a comportamento ou grupo de comportamentos observados. Portanto, acham-se teorias múltiplas e, eventualmente, a comunicação intra e interorganizacionais, em alguns aspectos, será dificultada, já que a aplicabilidade dependeria de uma pesquisa realizada com múltiplas organizações.

Uma última reflexão é feita sobre o avanço da técnica. Por ser pouco utilizada em Administração, pode fazer sentido investir um esforço acadêmico em análises de potencial, utilização ou mesmo experimentação da GT para que mais trabalhos sobre sua aplicação sejam desenvolvidos.

RISCOS E POTENCIALIDADES DA GT – UM DEBATE CONSTANTE

Após as reflexões apresentadas, parte-se agora para uma análise dos riscos e potencialidades debatidos ao longo dos 40 anos de existência da GT.

Glaser e Strauss apontam em seu primeiro trabalho, *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research* (1967), alguns pontos fortes da GT que são recursivamente citados por outros pesquisadores: a fundamentação de dados empíricos traz mais aproximação com a realidade; como se trata de análise de comportamento, é um método bastante efetivo para o estudo do comportamento humano; a ida ao campo com um referencial teórico em formação permite olhar além das teorias existentes, trazendo novas perspectivas e contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade do pesquisador. Sem dúvida, olhar a GT sob essa perspectiva faz desta uma proposta bastante eficiente e efetiva para a pesquisa nas Ciências Sociais e, especificamente, para a Administração.

Por outro lado, a sua própria evolução, com debates calorosos entre os pesquisadores originais e todos os demais pesquisadores que desenvolveram análises sobre o debate original, acabou por gerar uma lista de riscos e senões bem maiores do que as potencialidades. De forma sucinta, os pontos de crítica ao método *grounded* concentram-se: na difícil operacionalização do processo – desde a definição inicial dos elementos de estudo até a formulação da teoria, e no papel e postura do pesquisador. Esse papel merece destaque na análise do método de pesquisa GT.

Por outro lado, a sua própria evolução, com debates calorosos entre os pesquisadores originais e todos os demais pesquisadores que desenvolveram análises sobre o debate original, acabou por gerar uma lista de riscos e senões bem maiores do que as potencialidades. De forma sucinta, os pontos de crítica ao método *grounded* concentram-se: na difícil operacionalização do processo – desde a definição inicial dos elementos de estudo até a formulação da teoria, e no papel e postura do pesquisador. Esse papel merece destaque na análise do método de pesquisa GT.

O PESQUISADOR DA GT

Embora se demonstre que a GT seja bastante complexa e que o debate sobre as vertentes metodológicas tenha feito dela um processo controverso, não se pode deixar de mencionar o pesquisador no processo. O pesquisador desempenha um papel fundamental. Mesmo utilizando a sistemática de codificação proposta por Strauss e Corbin (1990), o pesquisador é parte inerente ao processo, seja porque já traz um conhecimento prévio aplicado, seja no processo de selecionar os elementos de estudo (*theoretical sampling*), seja no exercício da sensibilidade durante as análises e definição das categorias, seja na paciência e organização aplicadas na execução do método.

Cada um dos papéis, posturas ou atividades mencionadas pode ter decorrências sérias em função da credibilidade do uso do método e da conclusão dos resultados. Retoma-se a discussão ética na qual é necessário garantir que conhecimento, intenção, propósito e foco são colocados a favor da ciência social, tornando o pesquisador um agente de transformação, de agregação do conhecimento.

O USO DA GT EM ADMINISTRAÇÃO

A GT é um método de pesquisa relativamente novo em administração. Além disso, a polêmica existencial da teoria retardou sua utilização na área, que começou de forma mais efetiva a partir dos anos 90.

Ao buscar referências em outros ramos das Ciências Sociais, como a Sociologia, e mesmo na Psicologia, encontra-se um volume maior de bibliografia que apresenta a mesma discussão sobre os recursos e capacidade do método, mas sempre com exemplos práticos de utilização. Fernandes e Maia (2001), psicólogos portugueses, são um exemplo disso. Um de seus trabalhos trata do método e cita algumas aplicações – o estudo de mulheres que apanham dos cônjuges, uma análise da tristeza ou o papel de psicólogos em processos terapêuticos. Embora elucidativos e presentes nessas áreas de estudo, o trabalho pode parecer muito distante do mundo organizacional e da Administração. Eventualmente, um pesquisador pode não optar pelo método por achar que as aplicações não são relacionadas à Administração e, portanto, o método não se aplica a esse ramo de pesquisa (vale lembrar que o livro *The Discovery of grounded...* tinha como público-foco os sociólogos).

Dessa forma, é importante avaliar sobre a utilização do método em Administração como fator incentivador do pesquisador desta área. Ichikawa e Santos (2001) fizeram uma análise da utilização de métodos de pesquisa do paradigma quali-

tativo em trabalhos acadêmicos. O trabalho das autoras teve como linha de partida uma pesquisa feita por Martins (1997), que analisou 126 teses e dissertações no período de 1980 a 1993, das escolas consideradas referência na área de Administração do Brasil. No trabalho, fica evidente a predominância de método focalizando o paradigma quantitativo e, na minoria de trabalhos que utilizam métodos qualitativos, a diversidade ou combinação de técnicas utilizadas é grande.

Partington (2000) faz uma análise sobre o estudo do comportamento gerencial. Sua abordagem principal parte do pressuposto de que o comportamento é um resultado de acordo com o modelo S-O-R (*stimulus, organism, response*). Ele contrapõe o método *grounded* como método de estudo para entender o comportamento sob o modelo citado. Após uma descrição do método e debate, propõe um método S-O-R *grounded* (que define teoria de uma forma mais simplificada e utiliza os dados sem as mesmas premissas originais). Em suma, Partington estuda a GT, vê validade como método de trabalho qualitativo, mas propõe simplificação e customização de sua aplicação.

Parry (1998) analisa que liderança é um processo de influência social, mudança e transformação. O estudo da liderança se deu por métodos quantitativos ao longo do tempo e necessitava de métodos qualitativos, dada a sua essência. O autor cita um trabalho realizado em três empresas de transporte na Inglaterra com utilização parcial da GT. Segundo Parry, foi possível ir além dos achados convencionais e focar temas intrínsecos à liderança como liderança informal e transformacional.

Fica evidente que a utilização de métodos de pesquisa qualitativos ainda está em fase de consolidação e, dentro desta perspectiva, a GT é uma boa opção. Porém, muitas análises teóricas vêm sendo desenvolvidas e as aplicações práticas ainda são poucas. Em alguns casos, não utilizam o método de forma integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A GT pode ser considerada como uma técnica de pesquisa ainda em desenvolvimento dentro da Administração. Isso porque a bibliografia predominante é descritiva da sua essência e definição e do processo de trabalho, sem grandes incursões no universo das aplicações práticas. Além do tempo levado para sua utilização em pesquisas em Administração, as divergências entre seus principais autores contribuíram para que a bibliografia sobre o método seja um fórum de discussão das diferenças conceituais, sem uma preocupação maior com a real utilização do método, principalmente. Trata-se de uma forma rica e complexa de se fazer pesquisa, fortemente dependente do pesquisador.

Mesmo com os exemplos e relatos de sucesso em questões de administração: liderança, comportamento de gestão e ensino em marketing, algumas das reflexões levantadas ao longo deste artigo, com relação ao uso na Administração, podem fazer um pesquisador pensar na adequação da utilização da GT. Goulding (2005) coloca que, como o método emergiu da Sociologia, uma área de investigação focada na sociedade e no indiví-

duo, a aplicação parece bastante apropriada para as pesquisas que tenha implicações de comportamento. Entretanto, Gummesson (2003) salienta que, apesar de bastante citado nas Ciências Sociais, ainda é subutilizado em Administração e Marketing. Geiger e Turley (2003) e Goulding (2000) corroboram com essa idéia, afirmando que, embora os métodos interpretativos de investigação tenham crescente aceitação em Administração, a GT tem se mantido à margem desse desenvolvimento.

Espera-se que este trabalho sirva de estímulo e provocação a pesquisadores. Estímulo por posicionar e explicar seu processo de trabalho, contribuindo assim no processo de incentivar sua utilização; e, provocação, por suscitar questões relacionadas com o mundo organizacional e utilização da GT na Administração, como um desafio para o pesquisador. Espera-se que conhecimentos futuros, desenvolvidos sobre o método e suas futuras aplicações, tirem da GT o cunho polêmico, viabilizando e validando novas aplicações específicas. ➤

Recebido em: set. 2008 - Aprovado em: mar. 2009

Ana Akemi Ikeda

Professora Doutora, livre docente na área de marketing da FEA
Universidade de São Paulo
Endereço
Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Departamento de Administração.
Av. Professor Luciano Gualberto, 908 Sala E 104 - BUTANTÁ
05508-900 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 30915817 Fax: (11) 38184038
anaikeda@usp.br

Eliane Maria Pires Giavina Bianchi

Mestranda em administração de empresas pela FEA
Universidade de São Paulo
Endereço
Grupo Ultra.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1343 - Bela Vista
01317-910 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (011) 31777052 Fax: (011) 32855925
eliane.pires.bianchi@terra.com.br

REFERÊNCIAS

- AGAFONOFF, Nick. Adapting ethnographic research methods to ad hoc commercial marketing research. **Qualitative Market Research: An International Journal**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 115-125, 2006.
- ATKINSON, Paul; COFFEY, Amanda; DELAMONT, Sara; LOFLAND, John; LOFLAND, Lyn. **Handbook of Ethnography**. London: Sage Publications, 2001.
- CHARMAZ, Kathy. **Constructing Ground Theory: a practical guide through qualitative analysis**. Thousand Oaks: Sage, 2006.
- COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração**. São Paulo: Bookman, 2005.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- CRESWELL, John W. **Research Design: qualitative & quantitative approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.
- DENZIN, Norman K. **Interpretive Interactionism**. 2nd. ed. Thousand Oaks: Sage, 2001.
- FERNANDES, E.; MAIA, A. **Métodos e técnicas de avaliação: contribuições para a prática e investigação psicológicas**. Braga: Universidade do Minho, 2001.
- GEIGER, Susi; TURLEY, Darach. Grounded theory in sales research: an investigation of salespeople's client relationship. **Journal of Business & Industrial Marketing**, [S. l.], v. 18, n. 6/7, p. 580-594, 2003.
- GLASER, Barney G. **Doing quantitative grounded theory**. Mill Valley, CA: Sociology Press, 2008.
- GLASER, Barney G. Theoretical elaboration of quantitative data. **The Grounded Theory Review**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1-37, 2007.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter, 1967.
- GOULDING, Christina. Grounded Theory: The missing methodology on the interpretive agenda. **Qualitative Market Research**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 50-60, 1998.
- GOULDING, Christina. Consumer research, interpretative paradigms and methodological ambiguities. **European Journal of Marketing**, [S. l.], v. 33, n. 9/10, p. 859-873, 1999.
- GOULDING, Christina. Grounded theory: a magical formula or a potential nightmare. **The Marketing Review**, [S. l.], v. 2, n.1, p. 21- 34, 2001.
- GOULDING, Christina. **Grounded theory: a practical guide for management, business and market researchers**. London: Sage Publications, 2002.
- GOULDING, Christina. Grounded theory, ethnography and phenomenology. **European Journal of Marketing**, [S. l.], v. 39, n. 3-4, p. 294-308, 2005.
- GUMMESSON, Evert. All research is interpretative! **Journal of Business & Industrial Marketing**, [S. l.], v. 18, n. 6-7, p. 482-492, 2003.
- HUTCHINSON, Sally. Education and grounded theory. In: SHERMAN, Robert R.; WEBB, Rodman D. **Qualitative research in education: focus and method**. London: Falmer Press, 1988, p. 123-140.
- ICHIKAWA, E. Y. ; SANTOS, L. W. Apresentando a Grounded Theory: uma nova abordagem qualitativa na pesquisa organizacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 25., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: ENAMPAD, 2001. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-epa.html>>. Acesso em: 17 mar. 2006.
- HANNABUSS, Stuart. Research interviews. **New Library Word**, [S. l.], v. 97, n. 1129, p. 22-30, 1996.
- LOCKE, Karen D. **Grounded theory in management research**. London: Sage Publications, 2001.
- MENDONÇA, José Ricardo Costa de. Interacionismo simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em administração. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 25., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: ENAMPAD, 2001. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-epa.html>>. Acesso em: 17 mar. 2006.
- NATASAN, M. **Edmund Husserl: philosophy of infinite tasks**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1973.
- NICHOLSON, N. Ethics in organizations: a framework for theory and research. **Journal of Business Ethics**, [S. l.], v.13, n. 8, p. 581-596, Aug. 1994.
- PARKER, Lee D.; ROFFEY, Bet H. Back to the drawing board: revisiting grounded theory and the everyday account's and manager's reality. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 212-247, 1997.
- PARRY, W. Grounded theory and social process: a new direction for leadership research. **Leadership Quarterly**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 85-106, Spring 1998.
- PARTINGTON, D. Building grounded theories of management action. **British Journal of Management**, [S. l.], v. 11, p. 91-102, 2000.
- PETTIGREW, Simone F. Ethnography and grounded theory: a happy marriage? **Advances in Consumer Research**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 256-260, 2000.

SARANTAKOS, S. **Social Research**. South Melbourne: MacMillan, 1993.

SCHLENKER, Barry R. **Impression Management**: the self-concept, social identity, and interpersonal rela-

tions. Brooks, USA: Cole, 1980.

STRAUSS A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research**: grounded theory procedures and techniques. London: Sage Publications, 1990.

THE GROUNDED THEORY INSTITUTE. Disponível em: <www.groundedtheory.com>. Acesso em: 04 set. 2008.